

4- O processo do uso do procedimento em aulas de Proxemia

Este capítulo tem a ênfase em descrever como foi realizada a experiência empírica em sala de aula com os alunos no ensino da disciplina, como um processo que ocorreu desde o segundo semestre de 2011 até o segundo semestre de 2012, no qual o procedimento de duplicação semântica foi implantado na experiência empírica em sala de aula.

Deste modo, o uso do procedimento de duplicação semântica com foco no objeto serve como um instrumento para perceber a microcultura, lugar no qual Hall reconhece o pertencimento a um território e comportamento de um grupo a um determinado lugar. O procedimento também oferece a percepção de uma delinquência no seu discurso (Certeau) na mudança de uso do objeto por uma comunidade, ou uma determinada tribo, como prefere Maffesoli.

Observar alguns destes pequenos relatos e analisa-los perante estas categorias que foram se construindo, na percepção de um processo de três semestres para chegar até as mesmas, é um manancial que oferece uma diretriz de um saber narrativo que retorna para a Instituição, como um recorte de um conhecimento empírico aliado a uma investigação bibliográfica com o procedimento de duplicação semântica de Roussel.

Este deslocamento de significados através de um procedimento de escrita permite a criação de um formato e módulo de ensino aos alunos, como um modelo e aproxima o tema da *proxemia*, não somente em relação ao estudo do comportamento do homem em determinado espaço, mas sim ao eixo da habilitação do aluno na sua graduação em design de produto.

No primeiro subcapítulo, perceberemos a possibilidade para a realização do procedimento de Roussel através de um exercício de campo proposto no início e ao final do segundo semestre de 2011 na disciplina *Proxemia*.

No segundo subcapítulo, haverá uma utilização do procedimento de duplicação semântica de Roussel ainda embrionariamente com a análise de um trabalho de um aluno e das categorias de observação propostas em sala de aula no primeiro semestre de 2012. É um caminho, um processo, que ajudou a elaborar a proposta para a empiria a ser construída e observada com mais propriedade no semestre posterior.

No terceiro e último subcapítulo, destacarei a utilização do procedimento de duplicação semântica de Roussel segundo as categorias de alguns autores, vistos anteriormente e que escreveram sobre o tema. O objetivo é aproximar os alunos dos objetos que viam a partir da sua experiência em se viver o cotidiano – um olhar sobre ele e da sua potência em gerar narrativas mais próximas do mesmo.

4.1 – O ensino da Proxemia no segundo semestre de 2011

O ensino da disciplina sob minha responsabilidade começou no segundo semestre do ano de 2011. Nessa época, não havia ainda escolhido as aulas de *proxemia* como objeto de estudo no Mestrado para a aplicação do procedimento do literato Raymond Roussel. Mesmo assim, percebi uma possibilidade de empirismo na disciplina, pelos motivos relatados no início do capítulo dois.

Em rápidas conversas com alguns professores do corpo de pós-graduação do departamento de artes e design que haviam ministrado a disciplina anteriormente como Denise Portinari, Claudia Mont’alvão e ainda alguns outros, constatei que a *Proxemia* até então ensinada no curso de design na habilitação de projeto de produto, tinha um enfoque no campo teórico, ora voltado para o campo do saber da arquitetura, ora para a questão cultural em perceber o espaço que se modifica pelas diversas práticas existentes com o tempo, conforme a constituição do saber específica de cada professor.

Logo no início do semestre propunha um exercício aos alunos, sem antes explicar os conceitos de alguns autores de forma detalhada e, principalmente de Hall nesse primeiro semestre de aplicação da disciplina. Através de uma observação de campo assistemática, os alunos experimentariam alguns preceitos que seriam trabalhados em sala de aula durante todo o período. Ao final do curso, esse exercício inicial se articularia com o último exercício, que seria a segunda e última avaliação dos alunos, na qual observaria o ganho de conhecimento teórico e também empírico da disciplina. Além de perceber a qualidade dos trabalhos desenvolvidos, era uma forma de ganhar um tônus reflexivo para os outros semestres vindouros no meu papel de professor.

Iniciei com um experimento simples no início das aulas que se baseava na observação do uso de produtos industriais dentro da própria Universidade em que poderíamos perceber uma subversão de uso dos mesmos pelos diversos sujeitos que frequentam a instituição, como maneira de buscarem uma forma de perceber um determinado pertencimento a um território, neste caso, a PUC-Rio. Para facilitar a execução, foram escolhidos registros fotográficos que seriam realizados por cada aluno que apresentaria para todos em uma aula específica e que

discutiríamos os principais conceitos no exercício proposto. A observação do produto industrial com os seguintes motes conceituais:

- *subversão do uso da função original* de um objeto e produto industrial dentro da PUC-Rio;
- e a percepção de traços de *pertencimento a esse determinado território*.

Abaixo, três exemplos da primeira incursão no exercício proposto, a título de ilustração deste primeiro contato dos alunos com o tema.



Figura 2- Registro fotográfico I da aluna Anna Carolina Lima Pereira: *banco de praça*

A aluna Anna Carolina escolheu dois registros para ficar clara a sua explanação do produto escolhido, apesar de não ser o mesmo objeto no sentido estrito. É um *banco de praça* que fica localizado no bosque em frente às salas de aula do Departamento de Artes e Design. Ela registrou inicialmente o banco sem nenhuma utilização em sua função primária de sentar, para ressaltar o segundo registro: um aluno não identificado utilizando-o para dormir.

Segundo a aluna, é um costume de utilização por alguns frequentadores da PUC para tirar uma soneca antes de algumas aulas ou para descansar das mesmas. Um comportamento, segundo Anna, muito comum àquele lugar e que tornava o banco de praça com um uso muito distinto para o qual foi projetado, revelando uma determinada necessidade a qual não sabia nomear ainda em palavras. De imediato, vários alunos na sala se reconheceram naquela situação e, alguns revelaram que tinham esse tipo de comportamento e todos concordaram que é muito revelador em perceber como os alunos utilizam muito mais esse produto

para dormir do que os professores ou funcionários administrativos, aos quais nunca haviam visto utilizando-o dessa maneira.

Este exemplo ilustra tanto a subversão da função original do produto, que seria sentar e não deitar, assim como uma identificação de uma prática específica dos alunos e localizada dentro do universo que vivenciam. Como há o registro do lugar em escala e que todos reconhecem de imediato, também há facilidade em se reconhecer como prática recorrente entre os alunos da PUC-Rio, ou seja, um pertencimento a este lugar.



Figura 3 – Registro fotográfico I do aluno Leandro Braga Garcia: *copo de isopor*

O aluno Leandro registrou o produto *copo de isopor* que geralmente é utilizado para por bebidas quentes que são levadas na correria do dia-a-dia pelos diversos tipos de consumidores como um recipiente onde um professor colocou alguns gizes na falta de um receptáculo específico para os mesmos.

No caso acima, o *copo de isopor* subverte a sua função primeira em ter um líquido quente para se beber, porém fica difícil de mensurar se esse tipo de comportamento ocorre unicamente na PUC-Rio, porque pode também acontecer em outras instituições de ensino em que existe o mesmo tipo de copo para se colocar bebidas e ingerido durante um trajeto. Ou seja, a questão de pertencimento a um território específico não poderia ser aqui afirmada com clareza.

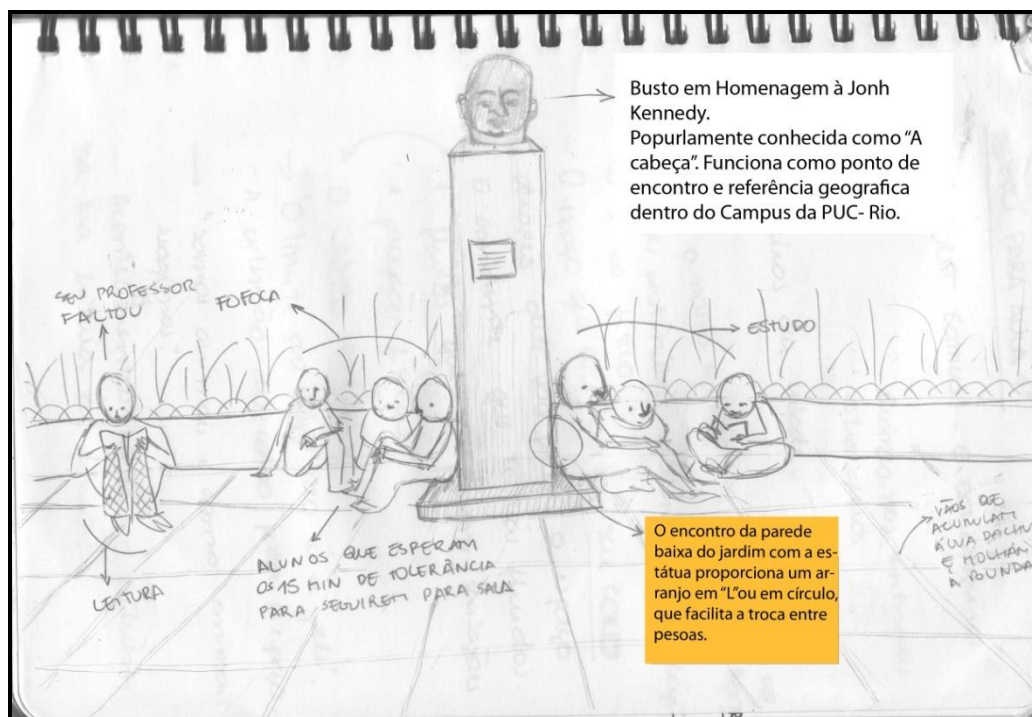


Figura 4 – Desenho realizado I pela aluna Julia Sá Earp de Castro: *busto do Kennedy*

A aluna Julia resolveu desenhar e não registrar em foto o seu trabalho. Além de fugir do que foi requisitado como registro, também não o fez na medida em que não era um produto industrial observado, ou seja, produzido em larga escala, porém escreveu qual era a sensação das histórias que via acontecer no *Pilotis da Amizade*, perto do *busto* dedicado ao presidente Kennedy, o qual todos alunos reconhecem.

Ela descreveu as diversas funções que o busto tem na vivência do Campus da PUC-Rio. Ilustra uma leitura realizada pela representação de um aluno quando um professor falta; a fofoca que acontece enquanto os alunos tem os quinze minutos de tolerância para a chamada de um professor e o estudo com a utilização da base do busto como um local para se sentar e, principalmente, recostar. Ainda destaca que o busto é importante lugar de referência de encontros entre pessoas que circulam pela Instituição e é chamado pejorativamente e carinhosamente pelos alunos de *cabeção*.

A ilustração conta uma história através da sua trajetória como aluna durante os anos na PUC-Rio. Traz elementos que, no registro fotográfico, precisaria de maiores explicações. Os alunos logo se identificaram e concordaram em sala de aula que o local era um símbolo dos estudantes da PUC-Rio. Neste caso,

reconhecemos tanto as funções subvertidas para as quais o busto do Kennedy, quanto o pertencimento do mesmo a um lugar específico, por ser da vivência dos alunos no seu dia-a-dia.

Esses três exemplos ilustram o quanto tínhamos ainda pela frente: passar o conteúdo sobre a percepção de determinados comportamentos que ocorriam na convivência com determinados objetos e não somente produtos industriais, visto que, através do trabalho da aluna Julia, um objeto único ou de pequena escala pode ser subvertido em suas funções primárias; e também percebermos traços de pertencimento a um determinado território.

Este conteúdo teórico foi auxiliado na época, com algumas passagens de conteúdo do Hall e também de Certeau, um filme como “Arquitetura da Destruição” e discussões do que poderíamos entender como o que seria principalmente o mote daquele semestre para a disciplina no que tange ao pertencimento a um território, conceito caro a Hall, como vimos no capítulo dois.

No final do semestre, propus, depois de muitas aulas e discussões, uma mudança do lugar de registro do exercício final. Em vez de ser na PUC-Rio, teria que ocorrer uma observação nas ruas das cidades, o que tornaria a investigação um pouco mais elaborada por parte do aluno. Levar então a questão da observação das mesmas categorias, a da subversão da função original do objeto e do uso que uma determinada localidade dava a ele como questão de pertencimento a um território.

Ao mesmo tempo, para facilitar a explanação na apresentação dos trabalhos finais, requisitei aos alunos que colocassem a primeira imagem escolhida no início do semestre ao lado da segunda imagem, para que pudéssemos perceber as variações de aprendizado durante o percurso da disciplina e também que escrevessem um pequeno relato sobre o que enxergavam na segunda imagem; esta última requisição era facultativa. Os mesmos três alunos são agora utilizados com seus trabalhos finais para percebermos a diferença em relação ao exercício inicial.



Figura 5 – Trabalho final de G2 da aluna Anna Carolina Lima Pereira: *carteira escolar*

A aluna Anna Carolina registrou *a carteira escolar* sendo utilizada pelos apontadores de jogo do bicho, uma contravenção reconhecida e praticada largamente na cidade do Rio de Janeiro. Para ela, como escrito no relato, a carteira era reconhecida por ser utilizada no universo da educação e estava a serviço dos contraventores tão conectados com a cultura local da cidade do Rio de Janeiro. Porém, para a aluna, se a mesma fosse colocada em uma cidade europeia não haveria uma leitura de que era do jogo do bicho.

Um aluno se pronunciou alegando que também percebia que os apontadores de jogo de bicho utilizavam as carteiras escolares com uma função prática porque facilitava na hora de anotar e também de se locomover para outros locais, em caso de apreensão policial.

Nesse exemplo, fica clara a subversão do objeto em sua função original, assim como o pertencimento a um território, mesmo que não seja um lugar fixo, por um determinado grupo de pessoas que a utilizam para este fim.



Figura 6 – Trabalho final de G2 do aluno Leandro Braga Garcia: o *saco plástico*, as *latinhas descartadas* e uma *calçada*

O aluno Leandro registrou um menino que recolhe *latinhas* descartadas dormindo sobre o *saco* colocado na *calçada* de uma rua específica em Ipanema. A imagem, além de trazer para sala de aula uma discussão pertinente do que acontece localmente, também foi reconhecida de imediato pelos alunos como uma prática de meninos de rua da cidade do Rio de Janeiro.

Como relatado pelo aluno em seu texto, ele ainda compara com o primeiro exemplo da aluna Anna, em que na PUC-Rio a mochila servia como travesseiro ao se retirar uma soneca no banco de praça, tendo uma segunda função para a qual também não foi projetada. Na rua, pelo menino não identificado, o saco com as latinhas era utilizado também como travesseiro. Além do saco que agrupa as latas, também as mesmas tinham outro uso para o qual foram projetadas: a provável reciclagem. O aluno ressalta no seu relato que, além disso, a calçada que para muitos é um lugar de passagem e, portanto, para quem utiliza dessa forma, não há necessidade de pertencimento, para o menino naquela situação era altamente reconhecido como um lugar onde poderia dormir, assim como demarcava um território: o dos meninos de rua.

Nesse caso, o *saco plástico*, as *latinhas* recolhidas no mesmo e também a *calçada* eram elementos da sua observação. Os três elementos assim eram usados de forma subvertida em suas funções primárias pelo uso, porém fica difícil em determinar se demarcavam um pertencimento a um território fixo, visto que a imagem impactava pelo conjunto. Interessa perceber que o território ao qual pertence o menino no registro, varia de localização. É um território de uma imagem que temos fortemente identificadas em nosso imaginário com relação aos moradores de rua que, vendo por este prisma, pertence a nossa cultura.



Figura 7 - Trabalho final de G2 da aluna Julia Sá Earp de Castro: *a escultura do Cristo Redentor*

A aluna Julia registrou a *escultura do Cristo Redentor* como seu trabalho final. Dessa vez, também registrou em foto o primeiro trabalho que havia desenhado e podemos perceber as situações que descrevera anteriormente. A escolha da escultura, para ela era muito mais como grau de identificação dos cariocas com esse ícone, oferecendo então uma representação de pertencimento de todos os cariocas. Ninguém na turma conseguiu enxergar uma subversão do uso da escultura, como antes havia no *busto do Kennedy*. E era exatamente através dessa subversão da função primária, que gostaríamos de analisar a segunda imagem.

Ao juntar os dois registros, podemos perceber, com uma pequena amostra de três alunos, o quanto alguns alunos compreenderam a proposta do exercício, como no caso da Anna Carolina e do Leandro, e alguns que compreenderam parcialmente, como o exemplo da Julia.

Essa junção de dois momentos foi rica tanto para observarmos as categorias de subversão da função primeira de um produto em que podemos percebemos um pertencimento a um determinado território, quanto pela observação ser realizada em lugares distintos, como a Universidade e as ruas da cidade.

No primeiro caso, trouxe elementos de como o uso de um produto, e em alguns casos, como no do *busto do Kennedy*, pode-se ter um nível de leitura para o qual não foi projetado e, nessa observação e relativização, perceber algumas oportunidades de construção de novos produtos para determinadas necessidades locais. No segundo caso, tanto um lugar como o outro – a PUC-Rio e as ruas da cidade - era para aproximar ao aluno dos lugares que frequenta, vivenciando e percebendo o seu cotidiano, como fator revelador dos objetos e de seus usuários.

Por fim, esses dois universos, o de aproximação espacial com o momento presente na vivência dos lugares e dos espaços pelos alunos me levou a uma mesma conclusão primária: estar atento ao presente, ao momento presente, nos espaços que circulamos, pode nos oferecer visões sobre os objetos que antes não estava tão claro e evidente na disciplina proxemia.

4.2 – O ensino da Proxemia no primeiro semestre de 2012

A partir da dinâmica e do processo das aulas do segundo semestre de 2011 foi que desconfiei que o procedimento de duplicação semântica do escritor Raymond Roussel poderia ser aplicado na disciplina *Proxemia*, para uma percepção de espaços e lugares, através dos objetos e do deslocamento dos alunos na vivência da cidade do Rio de Janeiro. Isto porque, ao fazer com que o aluno no final da disciplina apresentasse uma comparação entre um primeiro e segundo registro de objetos diferentes e em locais distintos, havia ali um procedimento embrionário de uma duplicidade. Uma espécie de sequência narrativa de onde poderíamos depreender mais sobre o caminho que cada aluno vivia em seu cotidiano.

Entretanto, ainda não havia pesquisado a fundo suas implicações e a mudança do lugar de aplicação da empiria em minha pesquisa ocorreu no início desse semestre. As dúvidas eram muitas, pois ainda não sabia o que seria apropriado e correto no meu trabalho de pesquisa em aproximar os dois campos, além de descobrir ainda outro autor, o Maffesoli (2006), que discorria sobre o que era a proxemia. Foi nesse semestre que Lyotard (2011), com o conceito do incomensurável, se apresentou de forma também dupla: tanto na questão da realização da falta de categorias rígidas para uma análise, quanto também em como minha própria pesquisa estava absolutamente aberta e flexível.

Essa indeterminação foi bastante rica nesse semestre, pois percebi os pontos de contato entre o procedimento de duplicação e a proxemia de maneira mais clara e também, ao mesmo tempo, a flexibilidade se apresentava como trunfo em perceber as categorias que utilizaria no semestre seguinte, no qual faria o piloto aplicado à experiência empírica da disciplina.

No início do semestre, novamente apliquei o exercício de observação de objetos e não apenas produtos industriais – lição apreendida como descrita no subcapítulo anterior. Essa observação ocorreu dentro da PUC-Rio, pois havia se mostrado proveitosa em apresentar os conceitos iniciais de pertencimento a um território e a subversão de uso do objeto em sua função primeira pelo uso de uma determinada cultura. Desconfiava de uma duplicação semântica nesta última

categoria: a função principal para a qual o objeto havia sido projetado e a sua subversão por um determinado uso local.

A título de ilustração, darei um exemplo de um aluno que percebeu exemplarmente as duas categorias iniciais de observação:

- *subversão do uso da função original* de um objeto e produto industrial dentro da PUC-Rio;
- e a percepção de traços de *pertencimento a esse determinado território*.



Figura 8 - Registro fotográfico I do aluno Bruno Quites: *pedaço de fita crepe*

O *pedaço de fita crepe* colocada no ar condicionado de uma sala de aula alerta se o aparelho está ligado ou desligado - uma prática comum na PUC-Rio. A subversão da sua função primeira estava clara para todos os alunos. E também a de pertencimento a um território. Não podemos afirmar de forma exclusiva que a prática acontece somente nesta Universidade, mas quase todos os alunos perceberam que revelava muito sobre o cotidiano deles, que entram, assistem às aulas e saem das salas a todo o momento e como que um *pedaço de fita crepe* dava um sentido de pertencimento àquele lugar, e não somente para eles, como também para os professores que ficam aguardando o seu balançar para ter a certeza que o ar condicionado está verdadeiramente funcionando ou não.

A partir da entrada neste universo pelos alunos de investigação empírica e ainda com um processo indefinido de formulação das categorias finais de observação, inverte novamente o campo de registros dos objetos para as ruas da cidade do Rio de Janeiro para a segunda avaliação. Era um prenúncio da utilização do procedimento de duplicação semântica de Roussel, pois havia uma repetição no trajeto que o aluno fazia para a faculdade: o caminho de ida e o caminho de volta para casa, mesmo não sendo o mesmo trajeto todos os dias.

Durante quatro semanas até a apresentação final, a cada semana, os alunos observariam dois objetos que demarcassem a característica de um determinado local, com o acréscimo então de mais duas categorias, sem ainda definir os autores que trabalhavam com cada conceito, pois ainda era um ensaio para o semestre seguinte. Foi requisitado novamente que os alunos colocassem no trabalho final todos os registros em ordem e um ao lado do outro, para percebermos seus trajetos na cidade e a possibilidade de uma narrativa imagética através dos objetos ali representados. As categorias que seriam analisadas foram:

- *subversão do uso da função original* de um objeto e produto industrial;
- a percepção de traços de *pertencimento a esse determinado território*;
- um *percurso* de ida para universidade e volta para casa;
- e, principalmente, *vivenciar o cotidiano*; o momento *presente*.

Para ilustrar como foi salutar esse trabalho de observação dos alunos fora de sala de aula e como, a cada semana, aperfeiçoava-se nas aulas, será mostrado o trabalho de um aluno com suas sucessões de oito objetos no total. Ele cumpriu o que foi requisitado em vários aspectos. E, através da amostragem de seu trabalho em detrimento dos outros, começavam-se assim a demarcar novos olhares e percepções da empiria para o outro semestre.

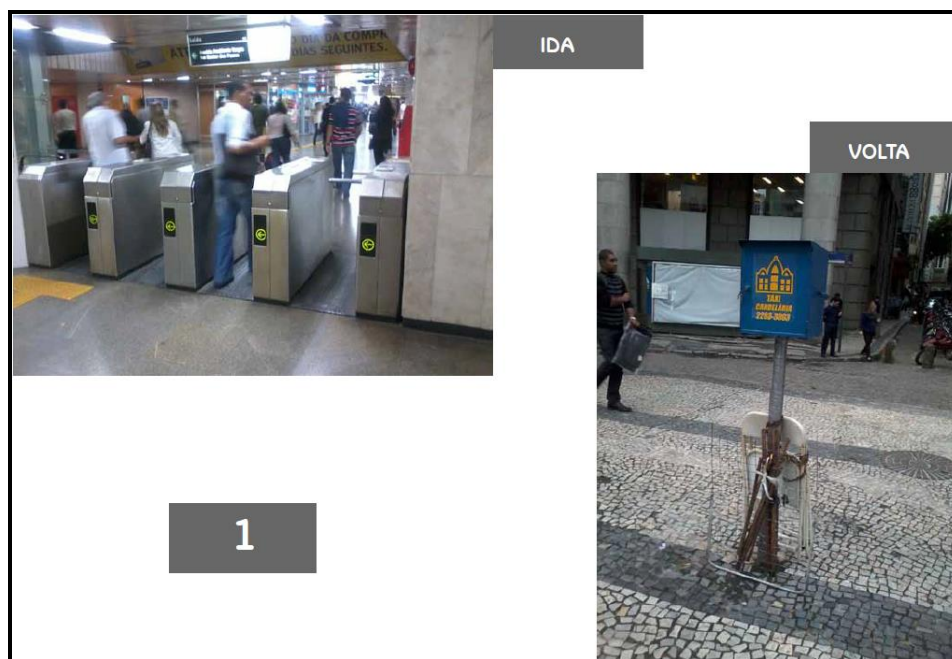


Figura 9 - Registros fotográficos finais I do aluno Julio Cesar: *roleta de passagem* // *diversos materiais amarrados a um tótem na rua*

O aluno Julio Cesar apresentou essa primeira dupla de objetos do seu percurso para Universidade e do caminho de volta para casa. Como foi a primeira apresentação e todos os alunos ainda tinham dúvidas, o primeiro registro do objeto de ida para a faculdade – a *roleta de passagem do Metrô* não apresentava uma subversão da sua função original, porém demarcava um lugar de passagem¹⁰: o Metrô Rio. O mesmo fazia parte da sua vivência cotidiana no trânsito pela cidade e também do seu percurso; elementos respeitados na sua apresentação do primeiro objeto. Na segunda imagem, ele registrou *diversos objetos amarrados a um tótem* de uma cooperativa de táxi. Segundo o aluno, esses materiais estavam subvertidos em seu uso, visto que amarrados e sem seu uso original e que parecem demarcar a utilização durante o dia da cadeira e de alguns sustentadores com uma grade, que suponha ser de um ambulante. Através dessa percepção, o aluno também considerava que como conseguia identificar os materiais aos de ambulantes, era coerente que demarcassem um pertencimento a um território, pois

¹⁰ Lugar de passagem para Certeau não possui um valor de identidade própria, ou seja, não se reconhece a identidade de ninguém em particular. Ele denomina como um não lugar visto que as identidades dos usuários são diversas e, por este motivo, assume a identidade da instituição que oferece o serviço – neste caso do Metrô Rio.

muitos trabalham no Centro da cidade. As outras categorias também foram respeitadas no percurso de ida e volta proposto e na vivência da cidade.



Figura 10 - Registros fotográficos finais II do aluno Julio Cesar: *caixote de madeira// sacola de lixo fora da caçamba*

Na segunda semana, o aluno registrou objetos dentro das quatro categorias, como vemos na imagem acima. Tanto *o caixote de madeira* servia para um ambulante sentar-se enquanto esperava por clientes, como *o saco de lixo* não estava dentro da caçamba. Também demarcam o pertencimento a um território do Centro da cidade do Rio de Janeiro, assim como era do seu percurso cotidiano e da sua vivência por passar por ele quase todos os dias.



Figura 11 - Registros fotográficos finais III do aluno Julio Cesar: *pedaços de madeira como sinal de atenção // pichação nos 'orelhões'*

Em sua terceira semana, o aluno continuou com a peregrinação pelo Centro da cidade do Rio de Janeiro. O primeiro objeto, um *amontoado de pedaços de madeira* colocados em um buraco da calçada, estava não só subvertido na função primeira, como demarcava claramente uma leitura de atenção para quem circula por aquelas ruas – uma convenção a que muitos de nós estamos acostumados, ou seja, faz parte da nossa cultura cotidiana. Porém, só podemos perceber o grau de pertencimento a um lugar através da fala do aluno. O mesmo disse que foi retirada no Centro da cidade, mas como a maioria dos alunos se manifestou, poderia também ser em qualquer lugar de um centro urbano. Também respeitava as categorias do seu percurso cotidiano e em vivenciar o momento presente. O segundo objeto não foi unânime entre os alunos, pois uma pichação não demarcava uma subversão de uso, pois a mesma em si, é uma subversão cultural e por isso realizada em vários locais. Também não demarcava o pertencimento a um local específico, mas fazia parte da percepção do seu percurso até a universidade, assim como do seu momento presente - em viver o cotidiano.

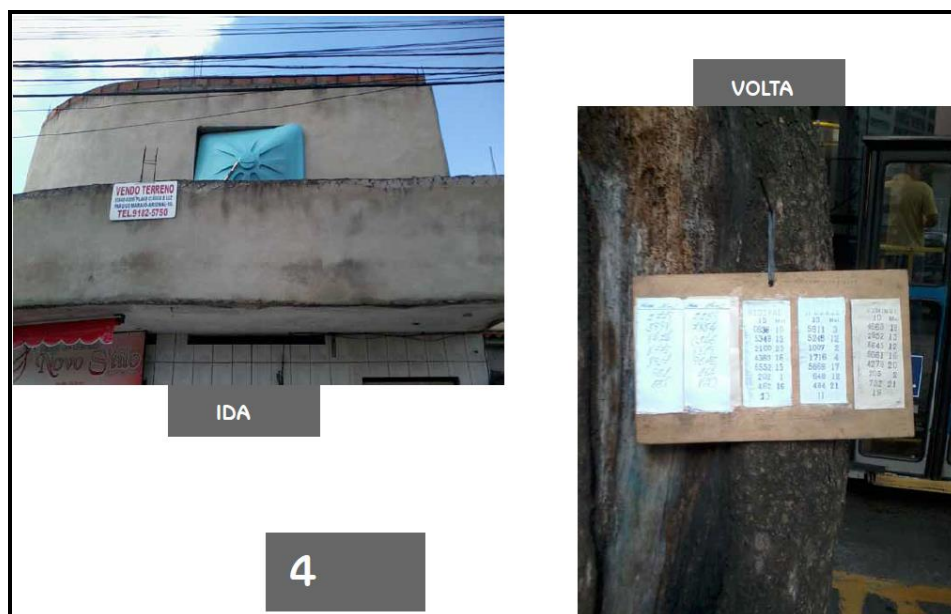


Figura 12 - Registros fotográficos finais IV do aluno Julio Cesar: *tampa de caixa d'água* // *'plaqueta' de resultados do jogo do bicho*

Os dois últimos registros do aluno – *tampa de caixa d'água como uma porta* e uma *plaqueta improvisada com resultados de jogo do bicho* - foram bem direcionados a todas as categorias de observação: subversão do uso da função original dos objetos escolhidos; pertencimento a um território específico; no percurso de ida para a Universidade e retorno para casa; e, por fim, vivenciar o momento presente.

Na sua última imagem em duplicidade, podemos também perceber um pouco mais o universo do aluno. Era a primeira vez que o aluno havia registrado um objeto perto de sua casa no caminho de ida. O improviso de *uma tampa de caixa d'água* revelava, através de uma leitura de segundo grau (Eco, Maffesoli), também um imaginário de onde ele vivia. Perguntei de imediato se ele se importava em dizer onde morava? Sua resposta foi São Gonçalo.

Com essa resposta e através das leituras principalmente de uma incipiente narrativa cotidiana através da vivência dos alunos obtida através do exercício, comecei a reformular a proposta de empirismo para o semestre seguinte, assim como também reavaliar a melhor maneira de se utilizar o procedimento de duplicação semântica do escritor Raymond Roussel à minha pesquisa.

4.3 – Análise do procedimento aplicado no segundo semestre de 2012

Como as experiências dos processos anteriores em sala de aula contribuíram de maneira efetiva para a pesquisa bibliográfica e aplicação da nova empiria remodelada para o segundo semestre de 2012, a partir dos conceitos de alguns autores que vimos no capítulo dois? Percebi através do registro do aluno Julio Cesar que havia cursado o período anterior como era revelador o estudo da proxemia através do objeto.

O seu penúltimo objeto registrado no caminho de ida para PUC-Rio, *uma tampa de caixa d'água* que assumia uma função de porta em uma cobertura, revelava também a origem do local onde o aluno morava, pois não é comum em partes mais elitizadas da cidade. Fazia então parte do seu dia-a-dia. Ou seja, a história factual perdia em relação à história do dia-a-dia e também revelava aspectos da comunidade onde ele residia, conceitos caros a Maffesoli (2006) que, como vimos, afirma ser do campo da proxemia. Assim, os objetos retratados poderiam revelar de maneira bem singular situações imperceptíveis, simplesmente por se viver e enxergar o cotidiano. Um treino para os alunos tanto pela riqueza da vivência do dia-a-dia como também para a visão de signos através dos objetos que poderiam representar como uma comunidade se comportava.

Outra percepção através dos processos anteriores foi de que não necessário registrar dois objetos durante uma mesma semana, mas sim o mesmo objeto. Desta maneira, a questão da subversão do uso da função principal, através de uma manipulação do comportamento humano, portanto, cultural, se aproximava do conceito de delinquência em relação a um relato de espaço (Certeau, 1998), ou seja, de desvio de uso do objeto para o fim ao qual foi projetado. Seria então registrado o mesmo objeto em dois tempos distintos para perceber se havia diferença de usos nesses momentos.

O procedimento de duplicação semântica de Roussel (Foucault, 1999), assim, ganhava maior atenção, visto que registrar o mesmo objeto em momentos distintos era o uso do procedimento em seu estado bruto, da forma que foi desenvolvido pelo escritor francês e depois estudado com afinco pelos autores que vimos no capítulo três.

Desta forma, através do meu papel de pesquisador, pude aprimorar o papel do professor e aplicar com maior clareza as novas categorias que reforçassem o ensino da disciplina proxemia.

Mesmo assim, o processo ainda era indeterminado, pois os alunos poderiam não entender os conceitos. Para isto, fiz aulas expositivas sobre o assunto, expliquei os textos dos autores principais, mas sabia que nem todos poderiam compreender ou registrar de maneira correta o empirismo. Cada turma tem uma dinâmica e cada indivíduo uma compreensão.

O empirismo foi lançado como proposta para o segundo semestre, após as explanações teóricas e também do mesmo exercício de observação livre que utilizei nos dois semestres anteriores dentro da PUC-Rio, além de uma tarefa de observação prévia, para que pudéssemos, em conjunto, delimitar melhor a proposta de todo o exercício até a apresentação final dos alunos. Com essas considerações, o exercício final visava registrar os objetos da seguinte maneira:

- Três objetos distintos durante três semanas;
- O mesmo objeto no *percurso* de ida para faculdade e volta para casa a cada semana – utilização do *procedimento de duplicação semântica* de Roussel;
- Demarcassem um *pertencimento a um determinado território* (Hall) e com *um senso de partilha*, ou seja, de comunidade (Maffesoli) – por isso, teria que ser em trajetos perto da residência de cada um;
- *Delinquência* no relato de espaço (Certeau) do objeto do seu uso em relação a sua função principal.

Para a análise destas categorias nos registros fotográficos, escolhi o trabalho de três alunos que são apresentados nas semanas vivenciadas, como uma sequência narrativa de uma pequena história da vida de cada um. Depois farei uma análise de cada exercício apresentado segundo as categorias escolhidas acima.

OBJETO 1 - SEMANA 1 (23-28/10)



HORÁRIO: 14:10 DIA/DATA: 03/11/12
 USO: SEGURANÇA BAIRRO: ICARAI, NITEROI/RJ
 OBJETO: CONE

HORÁRIO: 19:15 DIA/DATA: 03/11/12
 USO: SEGURANÇA BAIRRO: ICARAI, NITEROI/RJ
 OBJETO: CONE

CONE ENCONTRADO NA RUA TAVARES DE MACEDO, EM ICARAI, PRESO COM CORRENTE E CADEADO EM UMA PEQUENA ÁRVORE. OBJETO NÃO ESTÁ SENDO UTILIZADO DA FORMA APROPRIADA. PENSO QUE FOI UMA FORMA ENCONTRADA POR GUARDAS DE TRÂNSITO DE "GUARDAR" O SEU OBJETO DE TRABALHO.

Figura 13 – Trabalho Final Objeto 1 – aluna Giselle Vieira Capucci

OBJETO 2 - SEMANA 2 (30/10-04/11)



HORÁRIO: 13:50 DIA/DATA: 03/11/12
 USO: GUARDAR BAIRRO: ICARAI, NITEROI/RJ
 OBJETO: BICICLETA

HORÁRIO: 19:00 DIA/DATA: 03/11/12
 USO: GUARDAR BAIRRO: ICARAI, NITEROI/RJ
 OBJETO: BICICLETA

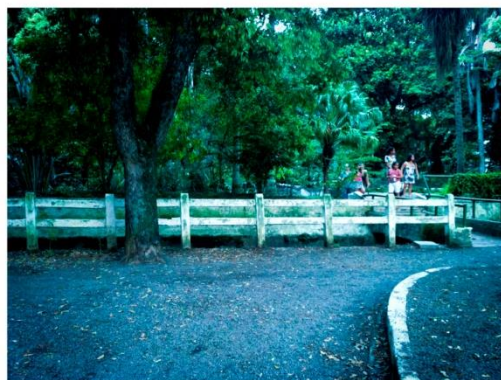
BICICLETA ENCONTRADA NA RUA LOPES TROVÃO, EM ICARAI, ONDE FOI SUPOSTAMENTE LEVANTADA NUMA GRADE PARA SER GUARDADA E DIFICULTAR UM ROUBO. O INTERESSANTE É QUE NA SEGUNDA FOTO, ONDE NÃO HÁ MAIS O OBJETO, O QUE RESTOU FOI A GRADE, QUE TAMBÉM TEM O USO DE GUARDAR E PROTEGER O LOCAL.

Figura 14 – Trabalho Final Objeto 2 – aluna Giselle Vieira Cappuci

OBJETO 3 - SEMANA 3 (5-11/11)



HORÁRIO: 13:00 DIA/DATA: 03/11/12
 USO: ENFEITE BAIRRO: ICARAI, NITEROI/RJ
 OBJETO: CARRINHO DE SUPERMERCADO



HORÁRIO: 18:55 DIA/DATA: 03/11/12
 USO: NENHUM BAIRRO: ICARAI, NITEROI/RJ
 OBJETO: CARRINHO DE SUPERMERCADO

CARRINHO DE SUPERMERCADO ENCONTRADO EM UM TÍPICO DIA DE SÁBADO NO CAMPO DE SÃO BENTO, NO BAIRRO DE ICARAI. O OBJETO CHAMOU BASTANTE ATENÇÃO JÁ QUE PELAS REDONDEZAS NÃO HÁ NENHUM ESTABELECIMENTO COMERCIAL DESSE TIPO.

Figura 15 – Trabalho Final Objeto 3 – aluna Giselle Vieira Cappuci

A aluna Gisele mora no bairro de Icaraí, na cidade de Niterói. O primeiro objeto escolhido foi *um cone* para sinalizar no trânsito de automóveis algum problema ou desvio de trajeto. O mesmo encontra-se preso a uma árvore, sem a sua função principal. Tanto no primeiro como no segundo registro o cone permaneceu preso a uma árvore com cadeado. Através de seu relato escrito, chamou a atenção da aluna por não estar em seu uso principal. A aluna sugere, por não ter visto o uso do objeto na função para o qual foi projetado, que seria dos guardas de trânsito. Em sala de aula, na apresentação, os alunos tiveram uma percepção distinta: que seria utilizado pelos guardadores de carro, popularmente conhecidos pelo nome de flanelinhas; ou ainda pelo estabelecimento de estética que aparece como pano de fundo nas imagens, para guardar as vagas em frente para os seus clientes ou pessoas especiais. A aluna, ao perceber esse apontamento, concordou com os outros alunos.

Nesse primeiro registro, foi realizado a contento o procedimento de duplicação na observação, mas não houve alteração do seu uso com o tempo, ou seja, não teve uma variação semântica. Demarcava também uma sensação de que poderia ser uma prática partilhada pela região de Niterói, ou seja, específica,

porém ficamos na dúvida. Não podemos também afirmar se é uma prática única de Icaraí. Neste caso a questão do pertencimento não ficou muito clara.

No segundo exemplo ela descreveu a *bicicleta* como o objeto que havia observado. Na hora da apresentação para a turma, com a ausência da *bicicleta* na grade no segundo registro, a turma desconfiou que o objeto que se destacava era mais a *grade* do que a bicicleta. A *grade* da escola de inglês é que estava trazendo alguns dos principais elementos: era delinquente no relato, pois era utilizada para proteger a bicicleta de um provável assalto. Todavia não determinava especificamente a qual território pertencia (Hall) e também não era utilizada pela comunidade (Maffesoli) inteira de Niterói da mesma maneira. Provavelmente, era algum funcionário ou aluno específico da escola de inglês que a utilizava deste modo. Outro aspecto importante é que, neste caso, apresentou uma variação de significado através do registro em tempos diferentes, ou seja, uma modificação de sentido pelo uso do procedimento de duplicação de Roussel.

A terceira imagem, também em duplicidade, era no Parque São Bento, em Icaraí. O *carrinho de supermercado* estava dentro do Parque, o que causou estranhamento, porque na região não se espera ver um objeto dessa natureza. O procedimento de duplicidade semântica foi importante em percebermos a sua ausência e como que o lugar se transformava sem o carrinho: voltava a ser o parque ao qual todos estavam acostumados. Outros aspectos que este trabalho não contemplou era se percebíamos o pertencimento daquele objeto a um determinado território (Hall); também se uma comunidade (Maffesoli) o partilhava, deixando-o largado no parque; e, por fim, não era clara a delinquência de seu uso no relato de espaço (Certeau).

Sendo assim, o trabalho da aluna trazia de vez em quando algumas categorias em detrimento de outras. Em comparação a outros trabalhos, os seus registros fotográficos eram exemplares no sentido da qualidade da imagem.

Objeto 1



Horário: 12:30 Dia/Data: terça 30/10 Objeto: barraquinha
Uso: venda de lanches Bairro: Barra da Tijuca de lanches



Horário: 18:30 Dia/Data: sexta 02/11 Objeto: Ausência
Uso: Bairro: Barra da Tijuca

Essa é uma barraquinha de lanches adaptada a uma bicicleta. O vendedor circula pelo Jardim Oceânico, oferecendo salgadinhos e sucos. No horário descrito ele costuma ficar nessa esquina. Para algumas pessoas, já se tornou o ponto do lanche nesse horário, visto que o vendedor vem repetindo essa prática. Algumas pessoas param os seus carros na esquina para comer algo, outras estão em horário de almoço próximo ao local onde trabalham. Por conta do horário para preservar a qualidade do alimento o vendedor também adaptou dois guarda-sóis. Por volta das 15 horas o vendedor já não está mais no local.

Figura 16– Trabalho Final Objeto 1 – aluno Thiago Torres Muniz

Objeto 2



Horário: 8 am Dia/Data: sextas 09/11 Objeto: ônibus / "varejão volante" / feira itinerante / "sacolão" / hotifrut
Uso: venda de verduras, legumes e frutas Bairro: Barra da Tijuca

Localizado na mesma esquina, esse ônibus fica parado a partir das 8 horas da manhã, todas as sextas-feiras. Já se tornou parte do hábito dos moradores locais. Estacionado em local proibido, a mesma esquina também abriga ao mesmo tempo a barraca de lanches e um estacionamento da igreja.

Figura 17 - Trabalho Final Objeto 2 – aluno Thiago Torres Muniz

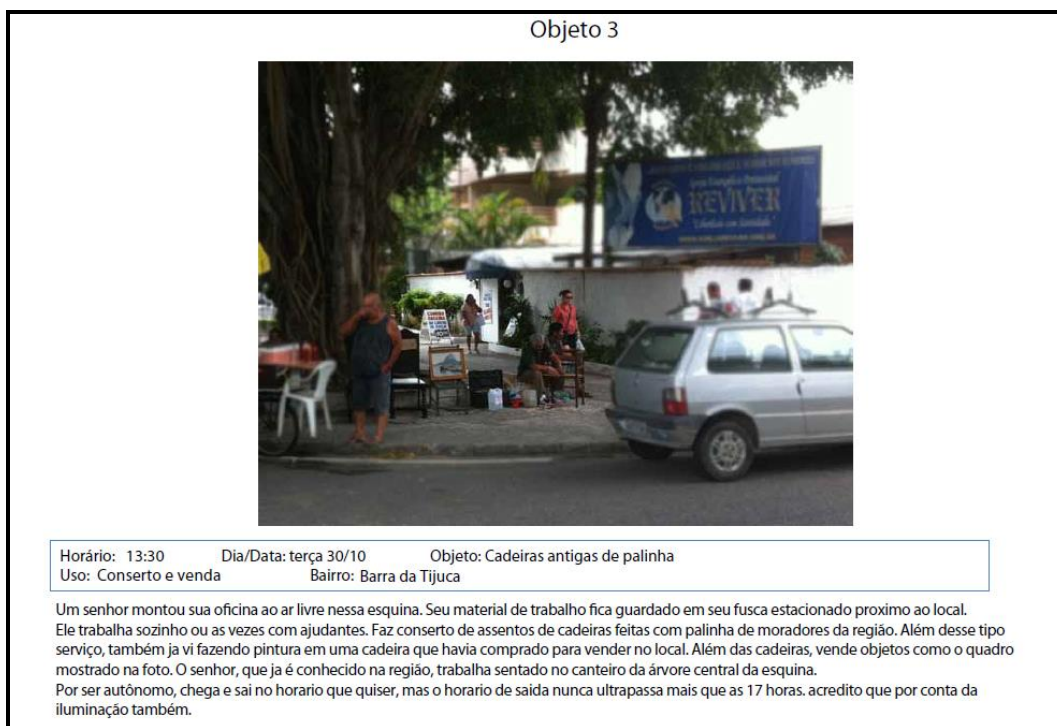


Figura 18 - Trabalho Final Objeto 3 – aluno Thiago Torres Muniz

O aluno Thiago trouxe alguns exemplos de objetos que ficavam em uma esquina reconhecida por ele e pelos que residem no Jardim Oceânico na Barra da Tijuca, na cidade do Rio de Janeiro. Em seu primeiro registro de um objeto, destacou a *barraquinha de lanches adaptada a uma bicicleta*. Segundo seu relato escrito, o vendedor circula no bairro e se estabelece naquela mesma esquina por volta do horário do almoço e mais tarde, em um tempo distinto, o vendedor ambulante não se encontra mais no local. Em seu segundo registro, *um ônibus móvel* que vende verduras todas às sextas-feiras. Em seu terceiro e único registro, o aluno aponta sobre *a oficina* que o trabalhador autônomo leva até àquela esquina.

Em todos os registros, menos o terceiro, fica clara a delinquência do relato do espaço (Certeau), criando uma subversão da função primeira tanto da *barraquinha de lanches adaptada a uma bicicleta* que naquele momento do registro fica fixa com seu vendedor no local, como do *ônibus móvel* que fica imóvel para vender as verduras. No seu terceiro registro não percebemos a duplicidade semântica sendo adotada e também nenhuma subversão de uso de algum objeto específico, a não ser da situação do trabalhador autônomo. As categorias de pertencimento a um território (Hall) assim como de ser algo

partilhado por uma comunidade (Maffesoli) também ficaram claras, pois ele registrou situações bem específicas de uma região.

Porém, o aluno não percebeu em nenhum momento, apenas através de uma consideração na qual ponderei em sua apresentação, que o que se revelava como o seu objeto através das sequências registradas era *a árvore* ou *a sua sombra*. A turma inteira de imediato concordou.

O trabalho do aluno Thiago mostra como que, em uma leitura de segundo grau (Eco, Certeau, Maffesoli) a proximidade se apresenta. O exercício foi exemplar em mostrar para a turma como o cotidiano tem sua força e revela a história de um determinado lugar. Na realidade *a árvore* era que estava tendo um uso delinquente no relato do espaço (Certeau); pelo uso das sequências temporais através dos registros – do procedimento de duplicação semântica de Roussel; na questão de partilha por distintos grupos de uma comunidade (Maffesoli) e também indicava o pertencimento a um território (Hall). *A árvore* era que agregava todas essas atividades e a história daquele lugar.

A turma mostrava uma compreensão maior através dos exemplos e das sequências de apresentação final dos outros alunos, porém nenhum trabalho de outro aluno apresentou todas as categorias de observação ao mesmo tempo. Isto era revelador sobre o modelo da empiria adotado e que será motivo da conclusão deste trabalho.

Cabe a apresentação de partes do trabalho da terceira aluna escolhida Martha Vasques Pedalino que não tem uma qualidade muito boa nos registros fotográficos do seu trabalho, no entanto é revelador de outros aspectos da empiria adotada.



Figura 19 - Trabalho Final com mesmo objeto – aluna Martha Pedalino

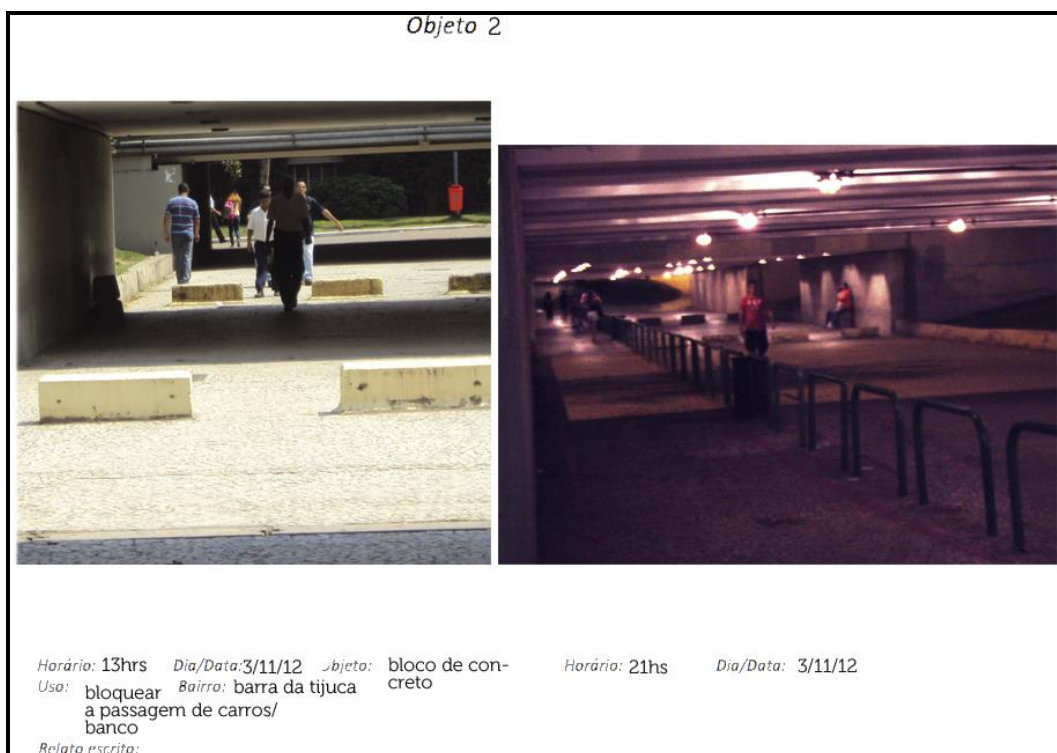


Figura 20 - Trabalho Final com mesmo objeto – aluna Martha Pedalino

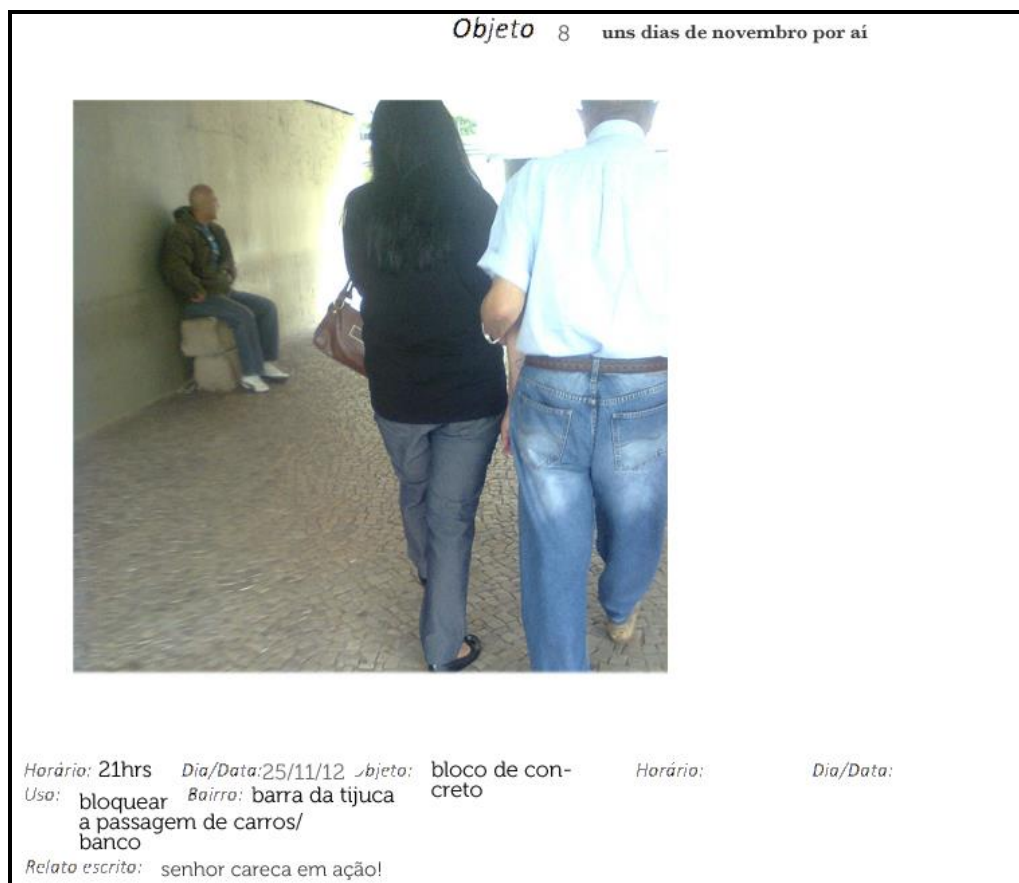


Figura 21 - Trabalho Final com mesmo objeto – aluna Martha Pedalino

Em seu primeiro trabalho a aluna tentou capturar como os *blocos de concreto* que impedem a passagem de veículos na passagem subterrânea eram também utilizados de outras maneiras. Este local é de uso frequente pela aluna na Barra da Tijuca, entre o conhecido *shopping New York City Center* e o outro lado da Avenida das Américas.

No primeiro registro, fez um contorno em um volume que está no chão que seria o *bloco de concreto* em sua função principal: a de impedir a passagem de carros. Na segunda fotografia, ela registrou dois desses blocos amontoados de concreto a um canto da passagem, fugindo assim da sua função principal, mas não conseguia ainda identificar qual era o seu uso naquela passagem que fazia parte do seu cotidiano. Assim, de certo modo, conseguiu enxergar em seu percurso cotidiano uma história possível de ser relatada através daquele objeto que também fugia ao seu uso na sua função principal e percebia que isso poderia ter sido manipulado por uma cultura ali instaurada. Ela ficou instigada e percebeu que dali

poderia investigar qual seria este uso e o que se revelaria de imperceptível em relação àquele local.

No segundo registro, no horário em que vivenciava aquela passagem na parte da manhã, retirou uma primeira fotografia de forma a destacar o seu uso principal, onde pessoas circulam e os *blocos de concretos* estão tanto na sua função primeira de impedir a passagem de carros, como também *amontoados* ainda sem nenhum uso. O mistério para ela foi revelado, através do uso do procedimento semântico de duplicação, onde vê à noite, no mesmo lugar dos blocos amontoados de concreto um homem sentado nele.

No seu terceiro registro, apresenta somente uma fotografia onde havia um homem sentado, desta vez em plena luz do dia, fazendo a segurança da passagem. A aluna registrou ainda outros momentos, de forma desorganizada, para perceber aquele caminho que fazia diariamente, pois morava do lado oposto ao *shopping center*, no condomínio Nova Ipanema.

Em seu relato falado na apresentação em aula, também começou a perceber que existia na realidade uma equipe de segurança que se revezava naquele local. Perguntou aos guardas do seu condomínio e constatou que era mesmo uma equipe de segurança que ficava ali naquele lugar.

Na Barra da Tijuca, por sua avenida central ser bastante extensa e larga, alguns motociclistas aproveitavam para fazer manobras por ali para encurtar o retorno que ficava a alguns metros à frente, seja de noite, seja de dia. Por este motivo, foram instalados os *blocos de concreto* para que não tivesse mais essa prática perigosa aos transeuntes que utilizavam a passagem. Mesmo com sua instalação, continuava a existir a prática dos motociclistas em perfurarem a passagem e, por isso, os estabelecimentos do lugar, assim como os diversos condomínios de moradores da região, pela ausência de atuação do poder público, resolveram contratar uma equipe de segurança privada para preservar a vida de várias pessoas da região.

Esse último exemplo, apesar dos registros fotográficos não serem de boa qualidade, revelou como o exercício da aluna tinha sido rico em mostrar as diversas categorias a serem observadas: o mesmo objeto no percurso de ida para a

faculdade e volta para casa a cada semana – utilização *do procedimento de duplicação semântica* (Roussel); que demarcasse um *pertencimento a um determinado território* (Hall) e com um *senso de partilha*, ou seja, de *comunidade* (Maffesoli) – por isso, teria que ser em trajetos perto da residência de cada de um; e, por último, a *delinquência no relato de espaço* (Certeau) do objeto do seu uso em relação a sua função principal.

Apesar de não ter observado três objetos nas três semanas, foi revelador no sentido da prática do lugar e também da vivência da aluna em relação ao mesmo durante o exercício. Observou o mesmo objeto e de onde obteve uma história do seu cotidiano e das práticas reveladoras do lugar que vive diariamente, sem ao menos perceber antes.

Podemos perceber que Hall, quanto à questão de pertencimento a um território; Certeau quanto a fazer um percurso no modo ir; e Maffesoli, quando afirma que a história do dia-a-dia é mais importante do que a dos fatos, pois podem revelar imperceptíveis narrativas dos lugares, se mostrou profícua com a utilização do procedimento de duplicação semântica de Roussel aplicada aos objetos.

No entanto, ainda é necessário relativizar, o que será realizado na conclusão deste trabalho.